

MINAS, MORROS E MARES

Café quente, queimadas, jornadas de aprendizado e observação na Zona da Mata se encontram em memórias de um Brasil e de uma vida sempre em movimento

por MIGUEL JORGE (texto) e MARCOS MAGALDI (retrato do ministro)



Nasci mineiro, sob o sol amarelo e quente vermelho da bandeira inconfidente de Tiradentes, em março, Ponte Nova. Difícil é fazer frio na Zona da Mata de Minas Gerais, região de relevos bem no meio do estado; antes, de exuberante floresta atlântica, hoje já largamente devastada pelo fogo intenso das queimadas e lamentáveis cortes de árvores, que um dia, com suas enormes e outrora miúdas folhas verdes de tons incontáveis, troncos musguentos, cipós retorcidos, copas frondosas, refrescaram o solo com úmidas sombras. Minas é mesmo um mar de morros.

Cresci navegando nos uais da terra, orgulhoso da mineirice, e de ser brasileiro. Papai era muito calmo, tranquilo (acho que até em excesso). Mamãe era muito brava, nervosa, italiana à flor da pele – ela é quem batia nos filhos, porque, naquele tempo, não tinha essa história de Estatuto da Criança e do Adolescente – o negócio era: escreveu, não leu, pau comeu. Quando se enervava com nossas peripécias, fungava forte, quase vapor, numa respiração ofegante. Sua pele branca, mármore de Carrara, enrubescia violentamente ao rubi lapidado. Passava, da cor de leite morno tirado na hora, ao cor-de-rosa e às irregulares manchas escarlate pelo rosto e pescoço, feito a topografia do estado. Pegava o que tinha por perto, cinta, chinelas ou nada, e corria atrás da gente.

Com os avós libaneses, pais do papai, tive pouco contato, pois moravam em outra cidade, e uma viagem era uma aventura de quase um dia inteiro para fazer uns 200 km em tempos de chuva – nos carros, correntes nas rodas, pás, ovos cozidos, garrafas com café bem quente. As garrafas eram três, sempre: preto e forte para os homens, segunda passada de café, para as mulheres, e o já bem ralo, para as crianças. Mas sempre bem quente.

Os avós italianos repetiam meus pais, num eco de gruta fresqui-nha: avô tranquilo, maravilhoso, aquele que toda criança queria

ter (me ensinou a caçar, a pescar, a fazer pipa, pião, arapuca e tudo o mais de que uma criança do interior gostava); a avó, brava, de negros cabelos, também era quem batia, quando a mãe não estava à mão. Apanhamos muito, a toda hora em que se fizesse arte, e isso a gente fazia, e muito. Tem coisa melhor que menino fazer arte? Tem não, sô, que é como se diz lá nas Gerais.

Carros de bois eram das melhores coisas da vida, e eu tive a sorte de nascer e crescer numa casa que ficava, exatamente, por onde eles chegavam com cana-de-açúcar, frutas e outros produtos de várias fazendas. Na volta, levavam sal, azeite, arroz e tudo o mais que as fazendas não produziam. O cantar das rodas de madeira nos eixos – "nhéc nhéc nhéc nhéc" – era característico de cada carro – eixos besuntados com sebo, para não emperrar, e de quebra o maravilhoso cantar que somente quem ouviu, especialmente criança, valoriza do jeito que deve. Na troca de mercadorias, eu pulava na carroça, quentinha do amarelo sol da viagem, com a madeira morninha, morninha, e cochilava um sono bem leve. Um dia dormi, para acordar, já léguas de casa, sem o tocador do carro ver – valeu uma viagem de volta, de jipe, e um belo castigo, além das calorosas mãos espalmadas...

Em casa, todo dia, às seis da tarde, hora do terço, rezado no quarto de papai e mamãe, todos os cinco filhos de joelho, de vez em quando levando um tapa, estalado e ardido, no meio da reza, no meio da testa, na orelha, porque sentavam em cima das pernas, que os joelhos cansavam.

As comidas... Que cheiro bom! Tudo feito no forno a lenha, de alvenaria, coberto com cimento vermelho queimado. Nas escaldantes painelas de ferro: do frango com quiabo, do feijão-preto, do angu (ah, que delícia, raspar o fundo da panela!), do frango ao molho pardo (frango do quintal, morto ali mesmo, pouco antes de ir para o fogo). O mais pungente e marcante: da goiabada,

feita todo final de ano na fornalha no barracão do quintal, em tachão de cobre, enorme, mexido à distância com longa colher de pau (colher? Muito mais remo que colher!). Mar escarlate, vulcânico, borbulhante, de goiabas maduras, que as bolhas re-bentam e queimam. Depois, colocar, ainda quente, nas caixetas de madeira; de vez em quando, um dedo passando e pegando um pouco, sem ninguém ver, se visse, lá vinham uns tabefes e uns pescoções, que é para aprender a não mexer nos doces.

O chão, ocre, de terra batida, de muita poeira. Na beirada do rio, era tudo casa. A gente pescava dali mesmo, do terreiro, com linha, anzol e paciência de mineiro. Uma maravilha era não ter nenhuma casa em frente das nossas, mas um morro altíssimo (especialmente para quem tinha oito ou dez anos e um metro e pouco), em que as crianças subiam para correr na frente das cobras e atrás das seriemas, que tinha muita, mas que nunca se pegava, porque, com aquelas pernas compridas, ninguém chegava nem perto! Numa enchente, no comecinho dos anos 1950, o que ficou de mais forte foram as casas caindo na correnteza da cheia, uma atrás da outra. Ficou só morro, afogou tijolo.

O rio Piranga, de muitas pedras, e muitas corredeiras, e muitas curvas, passava no fundo do terreiro de casa: a meninada pescava na beirada, tirava cascudo com peneira e lata de óleo de vinte litros, fundo cheio de furos feitos de pregos. E que rio para nadar! Mas só escondido, que o perigo rondava nas pedras, nas corredeiras, nas curvas. Paulinho, vizinho de casa, brincava com a gente, se distraiu; morreu afogado, nem tinha catorze, no redemoinho do rio que se fazia na curva do sítio do "seu" Sílvio.

E todo verão, naquele calor seco, oco, toda molecada a nadar pela-da, sem sacanagem nenhuma, e sim por nudez obrigada, porque chegar em casa de roupa molhada era surra certa e brava.

Estilingue de borracha de câmara de pneu e de forquilha de pé de goiaba, a melhor do mundo pra isso, todo mundo tinha, enfiado nos bolsos de trás das calças. Bombas feitas de bambu cheio de pólvora, para explodir privadas de cinema, apareceram na adolescência, não mais como brinquedo, mas como irresponsabilidade dos quinze, dezesseis anos.

E se fazia um pouco de tudo que fosse proibido – livros e filmes, mas com a maior dificuldade, porque eram ilegais e duros de se achar. A maior procura era pelas histórias eróticas do Carlos Zéfiro, trocadas com avidez. Para entrar nos cinemas, em filmes em que aparecia um par de peitos, de relance, era o maior sacrifício: tinha que ser amigo do bilheteiro, costas quentes, ou suborná-lo mesmo, e entrar correndo depois do filme começado, que era para ninguém ver.

Carros, já quase adulto. O primeiro, um Ford Victoria 51, "envenenado", que comprei do papai, em prestações mensais de Cr\$ 75 mil. O escapamento tinha uma rosca, logo depois da saída do motor. Era para ouvir o incrível ronco de um V8 e aumentar a potência para os rachas nos novos loteamentos asfaltados de Campinas, naquela época, cidade ainda bucólica, de pouco mais de 100 mil habitantes. Rachas todo fim de semana, numa mistura absurda de tipos de carros, nacionais e importados. Carros envenenados, jovens ouriçados, motores pelando, moças ronronando... Um amigo meu corria de Kombi! Em quase todas as curvas, acelerando tudo, a Kombi virava em apenas duas rodas, uma maluquice! O coração só faltava explodir! Os canos fumegantes rugiam.

Todo garoto queria fumar Marlboro, cigarro importado, maço vermelho e branco para dar a impressão de ser mais macho. Quando não mascava muito chiclete ou bala de hortelã, cheiro denunciava, e lá vinham umas boas pancadas de mãe, de avó

ou de pai, tanto fazia. Filmes, principalmente os de faroeste, de John Wayne, Roy Rogers, Hopalong Cassidy, Tom Mix e Rocky Lane, e o Zorro, não o espanhol, mas o americano "Lone Ranger", do cavalo branco de neve, o "Aiôôôô, Silver", e lá vinha ele para ser montado.

Em mimeógrafo, de maçaneta, papel com azul perfumado, quentinho como pão assado, nunca mexi, mas aprendi a amar cheiro de tinta de impressão ainda no Colegial, porque fazia o jornal inteiro do colégio: entrevistava, fotografava, escrevia, inventava o horóscopo, diagramava, titulava, depois levava para a gráfica e acompanhava tudo, da montagem dos tipos aos clichês (que barato!), e depois a impressão, em máquina plana – "schlep, schlap, schlep, schlap" –, a impressora batia no papel em rama e o impressor tirava folha por folha, que depois seguia para a dobradeira, e dali saía o jornalzinho, quatro páginas, uma vitória!

Anos depois, talvez uns três, na Martins Fontes, esquina da Major Quedinho, à noite, ficava parado, maravilhado, vendo as imensas impressoras do "Estadão" rodando o jornal, rápido, rápido, os jornais se empilhando na saída da rotativa, sendo amarrados e levados para os caminhões de entrega. Sonhava, acordado: "Gostaria muito, de um dia, trabalhar nesse jornal" – era o maior, melhor e mais importante jornal de São Paulo. Por essas ironias do destino, trabalhei tanto no jornal que acabei como diretor de redação aos 32, já em outro prédio, na Marginal do Tietê. Nem o sonho mais desvairado, febril e suado, tinha me antecipado isso.

Na cidade, três numa quitinete: Paulo, Bertolino (nunca mais vi) e eu, amigos que se formaram juntos no Científico – quarto com três camas, banheiro e cozinha minúsculos, perto do antigo prédio do "Estadão". Não era pê-efe, mas marmita, entregue todo dia, mas só no jantar, que o dinheiro de ninguém dava para duas refeições. Quando dava, íamos ao restaurante da Delegacia do

Trabalho, e ficávamos de olho nos pãezinhos que sobravam do almoço, e vapt-vupt: para o bolso para matar a fome durante o dia. Dia de pagamento, uma glória: no bar do Mané, em frente, o grande pedido era um contrafilé acebolado, prato cheio, arroz caindo pelos lados, que ele enchia, mesmo, pois sabia que nossa fome – meninos grandes! – era muita e insaciável. Pê-efe, de vez em quando, mas o mesmo de hoje: arroz, feijão, um bife bem batido, para aumentar de tamanho, e umas duas batatas cozidas (ou três rodelas de tomate, conforme a veneta do cozinheiro).

Primeiras matérias, horríveis, mal escritas: reportagens com jogadores de futebol, cobertura dos Jogos Pan-Americanos de 1963. Primeiro texto assinado, nome inteiro – Miguel João Jorge Filho –, sobre o Quarentinha, jogador do Juventus, que sumiu na poeira.

Uma das melhores coisas de ser repórter na época em que fui repórter era que os jornais consideravam que os repórteres eram repórteres e precisavam ir aos lugares onde os fatos aconteciam, por mais longe que fossem. Por isso, viajei o Brasil quase inteiro, do Rio Grande do Sul ao Acre, com todos os estados no meio. Imagine um repórter e um fotógrafo, guiados por um mateiro, andarem dois dias dentro da selva, em pleno Amazonas, para chegar a um acampamento com três topógrafos que demarcavam a rota da Transamazônica. E ficar ali dois dias, comendo farinha e macaco assado na fogueira, já que a comida, pouca, nem tinha, e dormir num jirau coberto de folhas de palmeira, fogo aceso a noite toda, porque vai que aparece uma onça?

Choque, emoção, de chorar, foi no dia em que o Joelma queimou. Ia para o "Jornal da Tarde", de manhã cedo, como chefe de reportagem, parei na esquina da Martinho Prado com a Martins Fontes, larguei o carro de qualquer jeito e corri ladeiras abaixo até perto do prédio. Talvez um dos primeiros a chegar? Horas de

aflição, medo, desespero, porque nenhum observador, repórter, bombeiro ou cozinheiro ficaria frio com o que vimos – gente na sacada, esperando por horas para ser salva e depois se jogando do décimo, décimo quinto andar, para tentar uma saída impossível. Horror vermelho, de fogo bem perto, acima da cabeça, e lágrimas, também quentes, escorrendo para baixo da cabeça.

Anos e anos depois, véspera de Ano-Novo. Madrugada de sair de barco, em São Sebastião: o jipe pifou. Aviso 1. Mas seria chato recusar o convite para o passeio. Depois, a marina, fechada: tivemos que pular o portão. Aviso 2. Em seguida: o barco, amarrado longe do píer. Mas o dono obrigou o irmão a nadar até lá. Aviso 3. Eu disse: "Vam'desistir, que esse negócio não está cheirando bem". Não teve jeito: fomos lá na Ilhabela, onde não passa barco de jeito nenhum. Logo que paramos, "CABRUUUUMMM", foi tudo pelos ares: estrondo, luz forte, amarela, laranja, carmim, e os quatro dentro d'água, tentando segurar onde dava. Aquela fumaça subindo, ora preta, ora branca, e nenhum sinal de outro barco. Fez-se silêncio, sol escaldante. O céu, azul. Nuvens, brancas. Como a fumaça. Então os gemidos. E as costas, queimadas. As mãos, em bolhas. Os lábios, rachados, salgados. De mar, ou de sangue? Milagre! Depois de mais de uma hora, que pareceu um dia, uma vida, um fim de vida – Minas, meu filho, minhas filhas –, apareceu uma traineira de um velho pescador, que, de longe, viu a fumaceira da lancha explodida e acelerou o motor – "toc-toc-toc-toc" – para nos salvar. Viu a tragédia, da proa, com a rede ainda no ar.

Sem levar tapa na orelha, já sem feridas, de joelhos dobrados, rezei dentro da Igreja de São Judas Tadeu, meu santo protetor. Lá fora, um dia daqueles de arder o olho, de asfalto que se derrete em espelho tremulante. Rezei pelos filhos, pela esposa, pelos irmãos, pelos amigos. Por tudo que já tinha visto e queria continuar vendo vivo. No período de curar as feridas, o que

amainava a dor, e era bom demais da conta: o café preto, bem quente mesmo, com pedacinhos de queijo de minas cortados em "quadradim" jogados dentro. A quentura do café derretia o queijo todo, molengo, molengo, delícia de tomar: era virar a caneca, de alumínio, e ficar passeando pela boca aquele café e aquela pasta salgada. Ah, que saudade desses gostos de infância!

E do quente clima de Minas, para a garoa paulista, e depois para o seco cerrado: coração do país, Brasília, suando a camisa de-baixo do paletó. E, quase o tempo todo, obrigado a tomar água, levantar de noite uma, duas, três vezes para molhar a boca. Seca, seca savana. Vida, a gente não controla, nem destino, que está escrito, como dizem os árabes (agora, falo "os árabes", pois meus parentes de perto de Biblos dizem que não, de maneira nenhuma somos árabes, mas fenícios. Vá lá...). De jornalista, para a indústria automobilística: primeiro Autolatina, e depois Volkswagen. Uns quinze anos, e outra guinada, a segunda: Banco Santander, cujo dono veste gravatas vermelhas. Mais uns anos, e outra guinada, ministro, quem diria!!! E tem gente que acha que sou do partido vermelho. Não sou de partido nenhum: sou, como disse, filho de Minas, e, mais do que tudo, brasileiro.

Aos 18 anos, de aviãozinho, em reportagens, de São Paulo até Natal, pela costa, pousando na areia, pensei: velho, quero vir para cá, ficar a ver o mar, escutar o mar, ouvir o vento nas folhas dos coqueiros. Deve ser coisa de mineiro, de atavismo ao contrário, de quem nasceu sem ver o mar, sem escutar o mar, sem ouvir o vento nas folhas dos coqueiros. Bahia, "uai", me espere: chego já.

Miguel Jorge, mineiro de Ponte Nova, jornalista quase desde sempre, ministro do Desenvolvimento, Indústria e Comércio – e feliz por escrever um texto sem nada de economia, de números, mas de muitas lembranças, sensações e saudades.